

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: RESGATE E PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS

Psychology and Education: production and recovery of histories

Marisa Lopes da Rocha

RESUMO:

As peculiaridades do desenvolvimento da sociedade brasileira no século XX marcam o percurso do psicólogo nas práticas escolares. Através do trabalho de Maria Helena de Souza Patto, no qual o homem é colocado em relação ao homem situado, pode-se perceber o fracasso escolar como fruto de um modo de pensar/dizer educação e psicologia. A Educação, produtora de normas e formadora de subjetividades, apresenta à Psicologia o desafio de analisar as relações de poder e relações criadoras e reprodutoras das instituições que dão forma à vida escolar. O sujeito da modernidade com seu conformismo necessita do resgate da atitude filosófica e da intervenção da pesquisa como metodologia potencializadora de rupturas. Neste resgate do tempo das ações, o psicólogo escolar encontra-se inserido em um território de investigações, no qual fracasso e conquistas são parte integrante da escola, e sua prática deve proporcionar transformações e a permanente desnaturalização das instituições.

Palavras-chaves: Educação, Psicologia Escolar; fracasso escolar

ABSTRACT:

The peculiarities of Brazilian society's development in the twentieth century mark psychologists' journey in educational practice. Through Maria Helena de Souza Patto's work, in which man is positioned in face of the situated man, school failure can be perceived as a result of a way of thinking/saying education and psychology. Education, producer of norms and subjectivities, poses to Psychology the challenge to analyze power relations and creator and reproducer relations of institutions that mold school life. Modern subject and its conformism needs to recover the philosophical attitude and the intervention of research as a potent methodology of ruptures. In this recovery of action time, educational psychology is inserted in a investigative territory, in which failure and achievements are integrated parts of school, and its practice must provide transformations and a permanent denaturalization of institutions.

Key-words: Education, Educational Psychology, school failure.

Em seu último livro, intitulado *A produção do fracasso escolar*, Maria Helena Souza Patto busca nos situar no percurso que engendra o psicólogo nas práticas de escolarização. Uma história tecida ao longo do nosso século, nas peculiaridades do desenvolvimento da sociedade brasileira, que concilia princípios liberais com favor, moral e privilégios, anunciando as exigências de desenvolvimento de um processo educacional comprometido com a equalização social. Pelas mãos da medicina, a psicologia, através da postura assistencial e tutelar, contribuirá para a higienização do espaço/tempo educacional, compromisso que ainda hoje, em grande medida, atualiza uma abordagem individualizada das questões escolares, constituindo os profissionais da ciência em aliados do fracasso, principalmente no que se refere às populações de baixa renda.

Nessa trajetória de polêmicas e crises da psicologia na escola, embalada pelas políticas governamentais excludentes, o trabalho de Patto vem se apresentando, desde a década de 80, como favorecedor de rupturas político-históricas nas intervenções dos profissionais de psicologia no cotidiano escolar. Enquanto campo de conhecimento, sua psicologia se interessa pelo homem em relação, pelo homem situado, pelo homem como produzido e produtor de

relações sociais. Que relações são privilegiadas no processo de formação deste homem? “O fracasso é produzido” - afirma Patto -, e a escola, pelas práticas dos diversos profissionais, está implicada com este efeito. Assim, o fracasso é visto como fruto de um modo de pensar/fazer educação, de um modo de pensar/fazer psicologia.

Enquanto prática pedagógica, a educação cria dispositivos produtores de normas, valores, princípios, ou seja, instituições constitutivas da rede que dá movimento e sentido à formação de subjetividades. As diferentes práticas pedagógicas produzem resultados que podem estar vinculados tanto ao fracasso traduzido no desinteresse, na evasão e na repetência, no tédio, como às diversas formas de experiências potencializadoras de produções de conhecimento. Isto porque tanto os critérios norteadores das ações, das regras e das relações, como seus efeitos, constituem o processo político que vai consolidando, no cotidiano escolar, modos de fazer, de pensar, sentidos que vão sendo gerados e dos quais nem sempre nos damos conta. Patto fala a respeito do esquecimento de que as idéias têm uma história, pois se constituem no tempo, e da resistência que a educação apresenta ante as críticas construídas ao longo do século; aponta ainda a desatenção que a cultura psicológica, que marca o lugar do especialista, tem quanto às relações de poder, hoje em descompasso com os movimentos sociais, com as demandas locais, enfim, com o propósito de criar condições para uma ética-estética e política da existência. Diríamos, então, que o fazer psicológico desenvolvido na educação traz como desafio a análise das relações que criam e perpetuam instituições, organizando e dando forma à vida escolar.

Na cultura constituída ao longo da história da sociedade ocidental, pensamentos e ações estão na ordem de uma economia funcional, estando a ênfase da formação dos sujeitos na aquisição de hábitos e nos processos adaptativos ante os modelos naturalizados como verdades absolutas, que servem como meios para agilizar o cotidiano – facilidades frente às múltiplas tarefas na busca da eficiência técnica, do produto. É nessa economia do tempo que os efeitos se acumulam, que os pactos são estabelecidos como acordos não discutidos – acordos que se respaldam em crenças, preconceitos e estereótipos jamais refletidos, apenas exercidos nos rituais esperados. Deste modo, o que é favorecido é a repetição de ações que se generalizam nas várias situações, apagando as diferenças conflitantes com os modelos hegemônicos. Por identidade e semelhança, rapidamente são acionados mecanismos de classificação e hierarquização, reduzindo a multiplicidade frente às categorias já consolidadas. As atividades realizadas acabam por privilegiar a funcionalidade, a utilidade, o pragmatismo, que, em suas repetições, ganham dimensão de verdade, de única forma possível de pensar, de fazer, de viver! Assim, as relações estruturadas/estruturantes de pré-conceitos vão, por analogia, compondo os sistemas, as organizações, os estereótipos incompatíveis com os movimentos criadores, com as mudanças. Desse modo, cumprem a função de aumentar permanentemente a coesão social – homogeneidade produtora de identidade social que se constitui como bloqueio da diferença.

Em relação ao sujeito da modernidade, no que este traz de investimento na identidade harmônica, fugindo ao conflito e tendo como meta o equilíbrio, Patto evidencia que “as relações sociais degradam-se à medida em que os sistemas funcionais da sociedade vão-se estereotipando e os comportamentos convertem-se em papéis. (...) o aperfeiçoamento do exercício do papel, o enriquecimento das capacidades técnicas e manipulatórias não ocorre paralelamente ao enriquecimento do homem. (...) Os representantes da teoria do papel são inimigos irreconciliáveis de todo o conflito. Mas o conflito é a rebelião das sadias aspirações humanas contra o conformismo...” (1993, p. 140-142).

As máquinas que vêm colocando em marcha as subjetividades contemporâneas absorvem o novo no velho, o presente no passado, disseminando formas variadas de descrença nas transformações, no inesperado. Tal perspectiva

nos leva à sensação de impotência de criar, à aceleração do trefismo, ao conformismo, à desimplicação, ao lamento e até mesmo ao consumo tecnológico, que buscam aplacar a angústia frente a uma realidade estabelecida para além das ações dos homens. O resgate da atitude filosófica, que põe em movimento uma ação pensada, um pensamento em ação, favorece um mergulho refletido no tempo para além dos espaços tradicionalmente marcados.

É nessa perspectiva que vimos afirmando a pesquisa-intervenção como metodologia potencializadora de rupturas nas práticas que atualizam a lógica burocrático-gerencial na escola. A pesquisa-intervenção pressupõe uma nova relação entre indagar e agir – a indagação já se constitui como ação e como nova relação entre sujeito e objeto. Afinal, sujeito e objeto se produzem conjuntamente, pois as práticas são de subjetivação e objetivação. Isto ganha relevo na medida em que se impõe uma diferença fundamental entre transformação e reforma – a transformação se constitui em mudanças substanciais nos critérios das práticas, nos modos de ser e de pensar, enquanto a reforma remete a recomposições, alterações na superficialidade dos corpos, não atingindo, portanto, a lógica, o sentido das ações. Cabe ao psicólogo analisar a construção permanente das formas de legitimação das práticas sociais hegemônicas: que mecanismos se apresentam no cotidiano do trabalho para a preservação dos mitos e ritos estabelecidos?

Não temos meramente, aqui, um problema a desvendar, mas o desafio de criar condições para o enfrentamento do dia-a-dia, analisando os modos de pensar/fazer e os mecanismos que estão em jogo, as polêmicas e conflitos, através de dispositivos que reenviem os impasses às suas condições de produção. Fazer história é resgatar o tempo das ações, contextualizando-as, na tentativa de viabilizar alternativas concretas para o cotidiano educacional.

A abordagem ético-estético-política seria, então, pertinente às práticas psicológicas institucionais, uma vez que traz a avaliação permanente dos hábitos, dos princípios e das situações cotidianas que constroem critérios para as práticas, buscando a afirmação da produção coletiva de novas alternativas e circunstâncias, assim como a análise das trajetórias construídas, dos sentidos que vão se delineando a partir das sucessivas decisões e opções dos próprios grupos.

Não há, então, um trabalho previamente definido para o psicólogo na educação, uma fórmula certa a ser aplicada, mas um território de investigação sócio-política a ser conquistado coletivamente, redimensionando o campo de visibilidades e solicitações tradicionais à luz da análise das implicações, inclusive a dos próprios profissionais de psicologia. Enquanto prática, cabe ao psicólogo dirigir sua atenção à rede de relações que instrumenta as instituições formadoras (infância, família, disciplina, aprendizagem, avaliação, hierarquia). Não se trata de indagar sobre o “professor problema”, o “aluno repetente”, a “família incompleta”, mas sobre os modos como essa coletividade vive e produz seus valores, suas normas, seus sentidos. Enfim, analisar os fracassos ou as conquistas escolares como parte integrante da escola, e esta como expressão das formas que a vida assume na sociedade.

Assim, a intervenção do psicólogo está associada à construção e/ou utilização de analisadores, dispositivos provocadores da análise, de rupturas que podem produzir novos sentidos, desnaturalizando permanentemente as instituições. Se não há um tempo/espço para a dúvida, para se colocar em discussão o cotidiano, como permitir que a diferença constituída a partir dos diversos modos de existência, presente na fala dos alunos, dos colegas ou da comunidade, faça desse convívio uma experiência de inquietação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. - *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HESS, R. & AUTHIER, M. - *L'analyse institutionnelle*. Paris: PUF, 1994.
- PATTO, M. H. S. - *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- _____. - *Psicologia e ideologia. Uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo: Quatro, 1984.
- _____. - *A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Quatro, 1993.
- ROCHA, M. L. - *Do tédio à cronogênese: uma abordagem ético-estético-política da prática escolar*. Tese de doutoramento em Psicologia. PUC/SP, 1996.
- _____. - "Da crítica das estruturas às dimensões de tempo: subjetividade e formação escolarizada". Em: *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, n. 1/2, vol. 8, 68-79, jan/set., Niterói: 1997.
- _____. & Aguiar, K. - "Práticas universitárias e a formação sócio-política". Em: *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*, Vol 3/4, 97-112, Niterói: 1997.
- RODRIGUES, H. de B. C.; LEITÃO, M. B. S. & BARROS, R. D. B. de (orgs.) - *Grupos e instituições em análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- TADEU DA SILVA, T. (org.) - *O sujeito da educação. Estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

* Professora Adjunta e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Filosofia da Educação pelo IESAE/FGV e Doutora em Psicologia pela PUC/SP.